

Entrevista com Eric Lucian Apolinário

Eric Lucian Apolinário cursa História pela PUC-Campinas, é diretor técnico do Museu Municipal Histórico e Pedagógico “Comendador Virgolino de Oliveira” e Presidente do Núcleo MMDC de Itapira “Cel. Francisco Vieira”. Trabalha na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Itapira.

Você considera que a Revolução Constitucionalista de 1932 poderia ser mais bem explorada em sala de aula?

Sim! Ainda mais nas cidades do interior, onde houve combates! Em Itapira, por exemplo, ainda possuímos dezenas de sítios arqueológicos nos quais encontramos trincheiras em perfeito estado de conservação! O [Núcleo MMDC de Itapira](#) trabalha também nesse sentido; temos alguns projetos, como o de levar os alunos até os locais de combate, mostrando o dia a dia nas trincheiras, a realidade de uma guerra civil. E, é claro, podemos trabalhar mais especificamente a questão política do levante de 32, como também toda a mobilização popular, que se intensificou de maneira acentuada a partir de janeiro daquele ano até o dia 9 de julho, data do início da Guerra. É um exemplo perfeito para se refletir quando pensamos nas manifestações de 2013. É uma excelente oportunidade de se confrontar, claro, sempre contextualizando os alunos de ambos os momentos históricos, e pensar sobre como a manifestação e união populares podem sim ter seu peso e seu papel na História, como agentes de mudança.

Por que o interesse em pesquisar sobre esse marco histórico?

Nasci na cidade de Itapira-SP (cerca de 173km da Capital). Itapira, devido à sua localização geográfica e principalmente por ser a última estação da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro do Estado de São Paulo, na região de Campinas antes da divisa com MG, foi um ponto extremamente estratégico e cobiçado por ambos os lados durante a guerra. Nesta cidade, duas grandes batalhas aconteceram, em Eleutério (*distrito localizado na divisa entre Itapira e Sapucaí-MG*) e Gravi (*bairro rural entre as cidades de Itapira e Mogi Mirim*), além de diversos outros pontos nesta região. Por toda a minha infância ouvia histórias de meus avós, dos vizinhos e conhecidos mais velhos sobre os fatos da “Revolução de 32”. Não tenho ex-combatentes em minha família, mas de tanto ouvir essas histórias, acabei me interessando, ainda adolescente, pelo assunto. Hoje, após anos de dedicação e mesmo sem serem publicadas, minhas pesquisas tornaram-se fonte para acadêmicos e outros pesquisadores.

Como surgiu a ideia para a exposição “1932: A Cor da Guerra”?

Há trabalhos de fotógrafos como Jules Gervais-Courtellemont e Hans Hildenbrand durante a Primeira Guerra Mundial com suas primeiras experiências com fotos coloridas. Também a série de documentários, como “Apocalypse la 1ère Guerre Mondiale” e “Apocalypse: The Rise of Hitler”, que coloriram imagens da I e da II Guerra. Ao assistir a esses documentários e ver trabalhos fotográficos internacionais, me questioneei: “Por que não com 32?”. Assim, procurei, através do Facebook, amigos que trabalhassem com ilustração e soubessem usar programas como Photoshop etc... Encontrei em minha própria cidade o Paulo Bellini, fotógrafo e designer

gráfico, que prontamente topou a proposta. Foram meses de pesquisa e conversa sobre uniformes, cores etc...

Qual foi a herança da Revolução Constitucionalista de 1932 para o Brasil?

Segundo os veteranos e memorialistas paulistas, São Paulo perdeu nas armas, mas ganhou na questão moral, já que Getúlio Vargas promulgou uma nova Constituição no ano de 1934. Acredito que “1932” é hoje um grande exemplo para todos nós, simplesmente por toda a dedicação que a população de um Estado como São Paulo teve nessa campanha. Talvez a maior mobilização popular da história do Brasil, maior até mesmo que as “Diretas Já”, proporcionalmente, em 1932 os números foram muito maiores.